

# Esmiuçando o inimigo: a construção midiática dos “Fanáticos Canudenses” durante a Guerra de Canudos (1896-1897)

*Breaking down the enemy: the media construction of the “Canudenses Fanatics” during the Canudos War (1896-1897)*

**Arthur Ebert Dantas dos Santos**  

arthur.ebert40@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

## RESUMO

A Guerra de Canudos (1896-1897), um dos maiores conflitos já deflagrados em território brasileiro, foi travada entre os seguidores do peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro, e os batalhões governistas enviados pela República. Em meio a uma conjuntura sócio-política que ainda engatinhava dada a herança de séculos de um sistema escravista seguido pela ruptura institucional promovida pelos militares que proclamaram a República em 1889, o conflito ocorrido nas dependências da localidade de Belo Monte assolou a habitual vida dos brasileiros que, utilizando-se principalmente das notícias veiculadas pela mídia impressa, acompanharam o “surgimento” daquele que seria, até então, o pior dos inimigos da República, o “fanático”, ou melhor, o “fanático monarquista”. O presente trabalho pretende ser um estudo sobre as publicações que levaram a produção e veiculação das representações do “fanático canudense”, aquele que habitaria o Arraial de Canudos. Neste artigo, pretendo fazer uma análise das matérias, manchetes e caricaturas veiculadas pelos jornais *O PAIZ* e a *Gazeta da Tarde*, ambos periódicos do Rio de Janeiro, onde espera-se responder aos questionamentos sobre as características dos supostos “fanáticos”, assim como suas relações para com os remanescentes monarquistas revanchistas.

## PALAVRAS-CHAVE

Fanáticos. Guerra de Canudos. Imprensa. Representações. República.

## ABSTRACT

The War of Canudos (1896-1897), one of the biggest conflicts ever to break out in Brazilian territory, was fought between the followers of the pilgrim Antônio Vicente Mendes Maciel, known as Antônio Conselheiro, and the government battalions sent by the Republic. In the midst of a socio-political situation that was still in its infancy, given the heritage of centuries of a slave system followed by the institutional rupture promoted by the military that proclaimed the Republic in 1889, the conflict that took place in the premises of the locality of Belo Monte devastated the usual life of Brazilians that, using mainly the news conveyed by the printed media, accompanied the “emergence” of what would be, until then, the worst of the enemies of the Republic, the “fanatic”, or rather, the “monarchist fanatic”. The presente work intends to be a study on the publications that led to the production and dissemination of representations of the “Canudense fanatic”, the one who would inhabit Arraial de Canudos. In this article, I intend to make an analysis of the articles, headlines and caricatures published by the newspapers *O PAIZ* and *Gazeta da Tarde*, both periodicals from Rio de Janeiro, Where it is expected to answer questions about the characteristics of the supposed “fanatics”, as well as their relations with the revanchista royalist remnants.

## KEYWORDS

Fanatics. War of Canudos. Printing. Representations. Republic.

**Submetido em:**  
01/06/2023

**Aprovado em:**  
29/08/2023

**Publicado em:**  
08/12/2023

## 1 Introdução

Partindo da minha pesquisa monográfica, produto indispensável para obtenção do título de Historiador, o presente trabalho, que se colocará enquanto perseguidor da gênese do suposto “fanático canudense” nas páginas dos jornais *O PAIZ* e *Gazeta da Tarde*, ambos da cidade do Rio de Janeiro, durante os anos de 1896 e 1897, é um trabalho (in)feito. Afirmo isso dada sua “finalização” ainda enquanto Monografia, assim como sua natureza de contribuir pela manutenção da busca em meio às vielas de asfalto, e de papel, das capitais pelos “fanáticos” que mais estavam habituados com as veredas inóspitas da Caatinga dá até então região Norte do Brasil, cumprindo então com seu valoroso papel de obra historiográfica onde esta deve se preocupar mais em provocar questionamentos do que apresentar repostas.

O campo de atuação daqueles que se dedicam a estudar o rico e complexo conflito conselheirista foi, e ainda é permeado das mais variadas problemáticas e abordagens. Muito provavelmente, podemos comparar essa variabilidade com o número de fios de cabelo da barba desajeitada do Santo Antônio Aparecido. Afinal, considerando os desdobramentos políticos e sociais advindos com a dinâmica da batalha, era de se esperar que grande parcela da sociedade brasileira destinasse uma parte significativa de seu imaginário popular para os elementos que permearam a Guerra.

Ao empregarmos certo raciocínio, e interesse, de natureza sincrônica no que tange a percepção do combate em Belo Monte, deflagram-se certas lacunas sobre a recepção das notícias da Guerra, principalmente quando decidimos focar a lente de análise na grande maioria da população brasileira que, dada as limitações tecnológicas da época, acompanhava o desenrolar dos fatos através das publicações diárias dos periódicos. Estes últimos, por sua vez, seguiram quase que unanimemente de braços dados com o governo da *coisa pública*, decidindo mirar suas munições de poder simbólico<sup>1</sup> no Arraial, independentemente se os seguidores de Antônio Conselheiro estavam ou não certos, afinal, como justificar uma ação militar sobre um agrupamento de sertanejos que, por mais numerosos que fossem, não chegavam, belicamente falando, à altura das poderosas expedições enviadas com destino à margem do Vaza-Barris? A resposta para esse questionamento pode ser respondida estipulando alguns objetivos: a) atribuindo determinado grau de periculosidade ao Arraial. b) a “criação” de um inimigo, ou vários, em comum que, visando a manutenção da *Ordem* e do *Progresso* postulados e instaurados pela República, deveria ser derrotado e expurgado. c) a solidarização e apoio da sociedade brasileira às incursões.

Da intenção à ação, o Governo Federal, suas instituições e indivíduos agregados conseguiram, de maneira sinérgica, unir os três supracitados objetivos ao estabelecer um *modus operandi* ou, utilizando o conceito empregado no produto investigativo original, “dinâmica de publicação”, que seria executada durante grande parte do conflito, se intensificando a partir da catastrófica queda da 3ª expedição. A Imprensa, enquanto aliada da República, através de sua influência midiática, traçou o rumo de seu

---

1 De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu em sua obra *O Poder Simbólico e a Violência Simbólica* (1989), o conceito de “Poder Simbólico” refere-se a uma forma de poder que influencia a sociedade através da criação e controle de símbolos, significados e representações.

editorial buscando alcançar a “criação” do periculoso inimigo que, ao mesmo tempo em que atribuiria a visada periculosidade capaz de justificar o violento massacre ocorrido em Belo Monte, também contribuiria para a institucionalização da dualidade imagético-discursiva do Nordeste, explicitada muito bem pela *Dialética do Rifle e do Rosário*<sup>2</sup>, mesmo este último ponto não sendo abordado nesse produto. Nesse sentido, o intuito do texto é analisar as publicações periódicas, referentes ao período da Guerra de Canudos, dos jornais *O PAIZ* e a *Gazeta da Tarde*, buscando identificar de que maneira se deu o “nascimento” do “Fanático Canudense” a partir do discurso midiático dos já citados jornais. Nessa vereda escolhida, encontraremos discussões sobre o dicotômico embate entre República e Monarquia, assim como sobre Ordem e Barbárie. Sigamos os “fanáticos” de Canudos até as prensas do Rio de Janeiro.

## 2 Canudos, Jornais e História

Deflagrada no interior do Estado da Bahia no ano de 1896, o grandioso conflito que envolveu os seguidores de Antônio Conselheiro contra o exército republicano movimentou desde as bases civis da sociedade brasileira até o mais alto cargo do Governo Federal, o Presidente da República. Observando-se enquanto um acontecimento sem precedentes para a História do Brasil, a Guerra de Canudos finalizou seu processo conflituoso com um saldo macabro de aproximadamente vinte e cinco mil vítimas entre “canudenses” e soldados, contando também com a morte de importantes figuras da própria guerra e de outros acontecimentos no Brasil, como o próprio Antônio Conselheiro, chefe-mor do Arraial, e o Coronel Moreira César, importante liderança na Revolta da Armada e na Revolução Federalista.

Ao longo de quase um ano, o Arraial de Canudos, ou localidade de Belo Monte como era conhecida e nomeada por seus moradores, recebeu a investida de quatro expedições, onde, de maneira ascendente, a cada incursão, as tropas e seus armamentos bélicos eram incrementados buscando obter o sucesso que suas antecessoras não alcançaram. Chegando ao seu fim no decorrer do quinto dia do mês de outubro do ano de 1897, onde, pelas palavras do correspondente enviado pelo até então *A Província de S. Paulo*, hoje *O Estado de São Paulo*, Euclides da Cunha (1902) “Canudos não se rendeu”. Mas qual teriam sido os motivos que levariam a uma escalada máxima de investida da República contra o povo do Conselheiro? De acordo com Facó:

Não houve um motivo. houve um pretexto. Alegava-se que o Conselheiro havia comprado e pago uma certa quantidade de madeira, na cidade de Juazeiro, para construção em Canudos. Não recebendo a encomenda, propalou-se que se prontificava a cobrá-la a mão armada. O boato espalhou-se, ganhou foros de verdade, motivou pânico. As autoridades de Juazeiro apelaram para o Governo do Estado da Bahia. Este enviou a primeira força regular contra os camponeses em novembro de 1896. (FACÓ, 1972, p.90-91)

A natureza caótica e a desorganização sócio-política que permeava a sociedade brasileira, principalmente aquela localizada na região Norte do Brasil, tornou possível a consolidação de cenários

2 Conceito utilizado por Eduardo Diatahy B. de Menezes em seu artigo *Ariano Suassuna e o imaginário popular do sertão* (2012). Disponível em: [https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2012/02\\_ArianoSuassunaeimagnariodosertao-CORRIGIDO.pdf](https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2012/02_ArianoSuassunaeimagnariodosertao-CORRIGIDO.pdf)

onde a violência e a intimidação se tornaram instrumentos permanentes e necessários para a sobrevivência de determinados grupos. Tais condutas eram reforçadas principalmente pelas ações das oligarquias que dominavam as federações durante a Primeira República<sup>3</sup>. Logo, o envio do aparato de repressão do Estado enquanto resposta do Governo da Bahia era mais do que esperado, até mesmo justificado pelas alas que se sentiram intimidadas pela suposta investida do Conselheiro, o que não se imaginava era o contra-ataque empreendido pelos “canudenses” que, armados com nada mais do que porretes e facões, expulsaram as forças policiais de seus domínios, dando início à Guerra. A partir daí, pelas três expedições que se seguiram, a sociedade brasileira ficaria abismada com a força e esperteza demonstrada pelos “canudenses” que conseguiriam segurar por meses esquadrões e colunas inteiras de soldados que buscavam ferozmente pela cabeça dos tais “fanáticos monarquistas”. Acompanhando atônitos as movimentações dos dois lados do conflito, os principais jornais do Brasil não deixaram de noticiar aos seus leitores os principais acontecimentos, assim como também as variadas e, em alguns casos sem noção, especulações sobre o Arraial e seus moradores.

A partir da análise das manchetes dos jornais cariocas *O PAIZ*<sup>4</sup> e a *Gazeta da Tarde*<sup>5</sup>, escolhidos enquanto credores das fontes utilizadas por essa pesquisa, descobre-se a existência de um suposto plano diabólico envolvendo o Conselheiro, seus seguidores “fanáticos” e os Monarquistas remanescentes do antigo sistema caído em 1889. O Arraial de Canudos passou de um simples ajuntamento de sertanejos miseráveis, crentes nas palavras de um beato andarilho, para um QG de operações especiais dos últimos resquícios de força e influência que a Monarquia ainda detinha no Brasil. Esse movimento, ou evolução de conceitos, pode ser atribuído à intensificação da Guerra, visto que, em suas primeiras etapas, se faz notar que os jornais se referiam aos “canudenses” enquanto *povo do Conselheiro* ou *gente do conselheiro*, percebe-se que o “fanático” ainda não teria sido incorporado às fileiras dos conselheiristas. Apenas em meados do mês de março do ano de 1897, com a derrota do Coronel Moreira César foi que a máquina midiática passou a agir contra o Arraial. Vejamos a seguinte citação da notícia que narra a queda do citado Coronel:

Bahia, 7 de março de 1897 [...] Della consta, depois das forças se retirarem, após a morte do coronel Moreira Cesar, foi um completo desastre. Perdia quatro canhões, munição de infantaria, bem como mortos. Falleceram também coronel Tamarindo, capitães Diogo Antonio Bahia, Joaquim Quirino Villarim, José Salomão Agustinho da Rocha, tenente Pires Ferreira, alferes Pol y, Coelho, Vanique Olympio Tavares, Trajano, Cosme dos Reis. Além de outros do 9º e do 10º. Soldados mortos, 200, além dos feridos e extraviados. Panico apoderou-se dos soldados, segundo a mesma parte, ataque o sem guarnição, mandou coronel Menezes retirar doentes e toda a munição possível e uma metralhadora para Queimadas, providenciando inutilizar munição não foi possível conduzir, retirar forças dispersas que chegassem para Queimadas. Vivo sentimento –

- 3 Período que corresponde de 1889 à 1930. Caracterizado pelo predomínio das Oligarquias e pelo fenômeno datado do Coronelismo. Conhecido assim como Primeira República ou República Oligárquica.
- 4 De acordo com BRASIL (2015): “Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX.”
- 5 De acordo com SANTOS (2021): “Sendo fundado em 1880 por Ferreira de Menezes, bacharel em Direito, este logo foi assumido por José do Patrocínio após a morte do seu fundador. Sendo um dos mais importantes reivindicadores dos movimentos abolicionistas no Brasil, Patrocínio fundou, junto com Joaquim Nabuco, a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão e ao assumir a direção da Gazeta da Tarde, direcionou as publicações do periódico incorporando-os à luta contra a escravidão.”

Coronel Saturnino, comandante do districto. (A CATASTROPHE, 1897, p. 1)

Tão importante em um periódico, até mesmo quando consideramos uma lógica comercial, é a organização das matérias veiculadas nas páginas do jornal. Afinal, uma notícia ou anúncio que foi enquadrado nas primeiras páginas receberá mais atenção e destaque do que aquele que está abandonado nas últimas laudas. Essa observação se faz necessária quando consideramos que, nos estágios iniciais da batalha, pouco espaço era dado para as notícias referentes ao Conselheiro e sua gente, na grande maioria dos casos estes ficavam limitados ao espaço das chamadas de cada região, ou como era veiculado pelo *O PAIZ*, *TELEGRAMMAS*, chegando a ocuparem apenas um parágrafo ou dois. Entretanto, com a intensificação do combate, o espaço dado ao Conselheiro aumentou exponencialmente, existindo casos de edições em que estes ocupavam mais de um editorial completo em primeira página. A citação acima mostra o teor alarmista que o jornal tentou imputar à notícia. A manchete nomeada como a catástrofe reitera essa intenção, principalmente quando em caixa alta e localizada com destaque da primeira página.

As ações de alternância da disposição e teor das publicações executadas pelos jornais compõem a “dinâmica de publicação” que, utilizando-se de práticas que produziriam o chamado *feito de verdade*<sup>6</sup>, conceito esse caro às discussões promovidas pelo pesquisador Patrick Charadeau, “criariam” o “fanático canudense” e atribuiriam um grau de periculosidade inexistente ao Arraial, alcançando assim dois dos três objetivos supracitados. Antes de continuarmos se faz necessário explicarmos quem ou o que seria o “fanático”? Para responder essa pergunta, nos utilizaremos da discussão promovida por Rui Facó em sua obra *Cangaceiros e Fanáticos* (1972):

[...] o termo fanático. Este veio de fora, dos meios cultos para o sertão, designando os pobres insubmissos que acompanhavam os conselheiros, monges ou beatos surgidos no interior, como imitações dos sacerdotes católicos ou missionários do passado. É um termo impróprio, inadequado, sobre ser pejorativo. (FACÓ, 1972)

Como o próprio Facó afirma, o termo “fanático” detinha uma conotação negativa, pejorativa, onde, partindo de um discurso caracterizado como de alteridade, era apenas utilizados por *outros* indivíduos para se referir a determinados grupos. Esse conceito jamais foi utilizado pelos “fanáticos” para se referirem a alguém que compunha seu grupo visto que o conceito “veio de fora, dos meios cultos para o sertão”. Ainda seguindo a linha de pensamento de Facó, os “fanáticos” e seu fanatismo estariam associados aos fenômenos e movimentos *Messiânicos* e/ou *Sebastianistas*. Especificamente no caso de Canudos, pode-se identificar a manifestação de características que posicionam o Arraial enquanto *locus* dos dois fenômenos, enquanto que outros ilustres acontecimentos que integram o acervo de movimentos unidos do *Catolicismo Popular*, ou *Moreno*<sup>7</sup>, devem ser analisados caso a caso dada suas especificidades, assim como afirma Facó:

6 Para mais informações, ver: CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

7 Conceito formulado e utilizado pelo Doutor em Ciências Sociais Lemuel Rodrigues. O *Catolicismo Moreno* refere-se à ramificação do Catolicismo Romano propagado pela Igreja Católica, incluindo aí práticas, ritos, costumes e discursos. Ver: SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

Entre meados do século XIX e começos do século XX, sucedem-se em cadeia movimentos de rebelião de pobres do campo, de norte a sul do País. Assumem as mais diversas características. Seus pontos culminantes são Canudos (1896-1897), Contestado (1912-1916) e o Caldeirão (1936-1938). Apesar da especificidade de cada um, liga-os um traço comum sobressalente: o choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja dominante. No nível cultural de desenvolvimento em que se encontravam as populações rurais, mergulhadas no quase completo analfabetismo e no obscurantismo, a sua ideologia só podia ter um cunho religioso, místico, que se convencionou chamar de fanatismo. Sob esta denominação têm-se englobado os combatentes de Canudos ou do Contestado, do Padre Cícero ou do Beato Lourenço: fanáticos. Quer dizer, adeptos de uma seita, ou misto de seitas, que não a religião dominante. (FACÓ, 1972, p.39)

Deve-se destacar que a discussão de Facó, seguindo os preceitos do *Materialismo Histórico* do qual era adepto, de acordo com Jacqueline Hermann (2018): “concentra sua análise nos “males do monopólio da terra”, marca de nossa formação histórica e política, conformando um contingente expressivo de marginalizados que encontraram no crime e/ou religião sua forma de expressão e luta social.”. Logo, diferentemente de outros autores que associaram as causas do “fanatismo” a possíveis subdesenvolvimentos biológicos, característica dos discursos de cunho eugênicos e higienistas do século XIX, Facó voltou-se para a luta social no campo.

Voltemos à análise dos periódicos. Não tem como se definir minuciosamente quais foram os motivos que levaram os periódicos a se utilizarem do teor negativo do termo “fanático” para se referir aos conselheiristas. Muito provavelmente, dada a conceituação apresentada por Facó, que também é corroborada por outros autores, sua utilização se deu pelas práticas das próprias hordas de fieis que seguiam o Conselheiro. A escolha pelas pregações de Antônio Vicente Mendes Maciel em detrimento daquelas proferidas pelos párocos que pertenciam às vilas originais dos conselheiristas, assim como o abandono de suas vidas pretéritas para seguirem o Conselheiro em sua jornada sertões adentro caracterizou esses sertanejos enquanto fanáticos, inclusive antes da construção do Arraial. De acordo com Facó:

[...] o Conselheiro arrebatava multidões de adeptos para caminho diverso daquele indicado pelas classes dominantes, subtraindo-os, às centenas e centenas, à influência da ideologia religiosa por elas pregada e que era incutida através do catolicismo. (FACÓ, 1972, p.81)

De toda forma, a utilização do termo “fanático” pelos periódicos cumpriu seu papel enquanto desestabilizador social despertando o desespero e a curiosidade da sociedade brasileira para com o desenrolar dos fatos que aconteciam no interior do Estado da Bahia. O *efeito de verdade* destacado anteriormente pôde-se realizar através da intensa repetição de informações que os periódicos “acreditavam ser verdadeiro”, se utilizando principalmente da convicção ao invés de evidências reais, principalmente o periódico *O PAIZ*, usou e abusou de termos e matérias alarmistas para “criar” o fanático. Exemplo dessa prática é a não utilização do termo “fanático” nas primeiras etapas da guerra, e apenas após a morte do Coronel Moreira César na terceira expedição o conceito foi imputado no discurso midiático. Por que esse *modus operandi*? Por que incrementar o discurso atribuindo certo grau de periculosidade apenas após a morte de uma importante figura republicana? Certamente, para mergulhar a atmosfera, já não tão pacífica e calma em que se encontrava a sociedade brasileira, em um estado de desespero por saberem que existia um indivíduo capaz de destituir a *Ordem* e o *Progresso* advindos com a República e transformarem-no na

*Barbárie* representada pela antiga Monarquia. A partir desse momento, podemos começar a considerar o processo de “criação” do “fanático canudense” como a produção de sua representação que, essa sim, seria reproduzida e difundida pela mídia jornalística, permeando o imaginário cultural da sociedade brasileira, levando-os a acreditar que, de fato, o Arraial de Canudos seria o antro do Fanatismo e da Profanação.

Utilizando, principalmente, a lógica teórica que reside por trás do conceito de “Representação” aperfeiçoado pelo Historiador francês Roger Chartier em sua obra *História Cultural: Entre práticas e Representações* (2002), podemos aferir que:

As definições antigas do termo [...] manifestam a tensão entre duas famílias de sentidos: por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado. por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. (CHARTIER, 2002, p. 20)

Logo, considerando a falta de contato dos leitores dos jornais para com as perigosas situações do combate e principalmente no que se refere ao indivíduo referido enquanto “fanático”, é a representação do ausente que seria o responsável pela atmosfera de medo que tomou conta sociedade brasileira. É a presentificação imagético-discursiva de um objeto que não se encontrava entre os leitores e que foi “espalhado”, através da veiculação de uma narrativa nas páginas dos jornais, que trabalharia em prol dos objetivos estabelecidos pelos periódicos visando alcançar a solidariedade de seus leitores para, dessa maneira, aprovar a barbárie promovida pelo exército republicano que, pelo menos, em teoria, deveria “levar a civilização” para uma área onde esta também se encontrava ausente.

Mais uma vez, esse *modus operandi* dos periódicos não se deflagraria enquanto prática incomum, dada a falta de comunicação de parcela da sociedade brasileira, principalmente aquela localizada nos Estados do Sul do Brasil, para com os indivíduos, práticas, ritos e paisagens naturais do Norte do país pois, assim como afirma Durval Muniz:

(...) a centralização do poder, no Rio de Janeiro, obrigava a vinda dos políticos dos Estados do Norte, pelo menos para essa cidade, o desconhecimento do restante do país era mais acentuado entre as populações dos Estados do Sul, que, em sua maioria, apenas ouviam falar do Norte pela imprensa, sobretudo daquilo que os discursos de seus representantes, no Parlamento, diziam e faziam ver. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 54)

As narrativas sobre o cangaço são um dos raros momentos em que o Norte tem espaço na imprensa do Sul, assim como quando ocorria repressão a movimentos messiânicos, secas ou lutas fratricidas entre parentelas. Estas narrativas servem para marcar a própria diferença em relação ao “Sul” e veicular um discurso “civilizatório”, “moralizante”, racionalista, em que se remetem as questões do social para o reino da natureza ou da moral. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 75)

Sendo o caminho mais fácil dada a historicidade da sociedade brasileira àquela época, e assim como corrobora o raciocínio estipulado nas citações acima, a região Sul do Brasil, que até então seria toda e qualquer parte do país que não correspondesse ao Norte, atribuía o status de verossímil a todo e qualquer discurso veiculado pela mídia quando o assunto tangia às características e modo de vida das populações do Norte. Como exemplo dessa prática, pode-se destacar algumas colunas, como *O CASO DO CONSELHEIRO*, coluna que se tornaria de publicação diária no *O PAIZ*, lançada durante

momento críticos da Guerra, onde, deixando de lado a simplória narrativa habitual da batalha, esta iria apresentar curiosidades e notícias sensacionalistas sobre o Conselheiro e seu povo. Tramas dignas de épicos gregos, aliando indivíduos que vagavam pelas sombras da República com atores internacionais como bancos, foram noticiadas pelos jornais, buscando alcançar seu objetivo de chocar os leitores, angariando o tão esperado e aclamado apoio por parte destes últimos. Vejamos as seguintes citações:

De novo os inimigos da República tentam abalar-a nos seus fundamentos e desta vez, como das outras, nem ao menos tem a lealdade de se apresentar a descoberto, tomando a responsabilidade das suas acções, dizendo alto e firme o que pretendem. [...] O caso de Antonio Conselheiro é uma nova fórmula da reacção monarchica, e o governo da República precisa desde já libertar-se de condescendências perigosas e reprimir com pujança as audácias dos seus inimigos, se não quiser mais tarde enfrentar-se com dificuldades superiores. Nunca a imprensa monarchista foi tão atrevida e violenta como agora, nunca os partidários do regimen deposto mostraram tanto arrogância e poderio moral, e esta exaltação agressiva, esta segurança nos ataques, [...]. Quando o governo federal se resolveu a mandar uma forte expedição militar para dissolver a horda de Conselheiro, a imprensa monarchista explorou em todos os tons esse procedimento, apresentado-o como um atentado à religião, como uma perseguição ímpia e sanguinária às crenças de um grupo de brasileiros, cujo crime era o seu fervor devoto, as suas tendencias mysticas. Essa indignação era claramente postiça, simples expediente declamatório de tarlufos jornalistas, nem se pôde supor que uma intelligência medianamente culta possa defender e apoiar bandos compostos de criminosos, de foragidos das prisões, de 48 desclassificados sociaes de toda a especie. (O CASO DO CONSELHEIRO, 1897, p. 1)

Que os monarchistas patrocinavam o banditismo de Conselheiro era patente para os republicanos, senão para todos, pelo menos para os que aprenderam a desconfiar e guardam a memoria da felonía de 93. Há pouco tempo ainda O Paiz noticiou que um banco conhecido pagara por conta de uma firma italiana de São Paulo, uma factura de armas de guerra importadas da Bélgica, no valor de sessenta a setenta mil francos. Dias depois em S. Paulo descobria-se um forte contrabando de armas de guerra e recentemente a policia soube que uma avultada remessa de espingardas e munições seguia de Sete Lagões com destino nos arraiaes da jagunçada monarchista. [...]. Dizem-nos que o governo já tega em mãos alguns fios desta tenebrosa meada, na qual estão envolvidos alguns homens notáveis do antigo regimen, impenitentes aulicos, que, educados á libre de Incaios de um throno, não se habituam á idea de um povo so poder governar para si, sem a tutela de uma dynastia parasitaria. O governo que não hesite, forte como esá pela confiança geral, e obrigue com mão valorosa estes farçantes restauradores a respeitarem de uma vez por todas as instituições republicanas. (O PAIZ, 1897)

Como pode-se aferir, a narrativa midiática não se contentara em acusar o Arraial de mero revanchismo monarchista, onde, supostamente, através dos mandos de Antônio Conselheiro, seu povo marcharia em direção ao Rio de Janeiro, implementando a barbárie por onde passasse, para destituir o Presidente e, em seu lugar, assentar mais uma vez algum integrante da expulsa família imperial, restituindo assim o direito de governar o Brasil concedido por sabe-se lá qual deidade. Nessa narrativa, chama atenção a natureza dos fatos que, dado distanciamento temporal, confirmaram-se enquanto inverdades, porém, para os leitores daquele momento histórico, faria todo sentido que o ajuntamento de sertanejos estivesse recebendo ajuda monetária e material do exterior. Afinal, por qual motivo a mídia brasileira inventaria uma estória tão incerta e danosa como essa? Diante dos fatos supracitados, acredito que essa inquietação já foi respondida.

### 3 A “imagem” dos Fanáticos

Depois de abordarmos, de maneira sucinta, a chamada “dinâmica de publicação” utilizada pelos periódicos para criar o “fanático” e inseri-lo no Arraial de Canudos, se faz importante problematizarmos acerca da *imagem* ou *representação* que foi criada. Como se pareciam estes fanáticos? Quais suas características? Qual o seu fenótipo? Como diferencia-los de outras pessoas?

No que tange à indumentária, à uma definição feita por afinamento ou convergência de ideias sobre como o “fanático” se parecia, não iremos encontrar respostas exatas para esse questionamento, nem esse é um objetivo primário posto por essa pesquisa. Entretanto, por representarem, de acordo com a narrativa midiática, o atraso, a barbárie, estes deveriam se portar e deter características da cultura rústica<sup>8</sup>, dessa forma, fazendo oposição ao que se era considerado enquanto avançado ou moderno dentro dos moldes da sociedade vigente. Em sua obra *O sertão arcaico do Nordeste do Brasil: uma releitura* (2003), Nilton Freixinho resumirá algumas das características mais gerais sobre os “fanáticos”, analisemos:

Via-se ao longo das estradas, em torno de capelas que eram construídas, ou reparadas, místicos sertanejos, portando improvisadas e rústicas cruces de madeira, conduzindo orações ensacadas, a tiracolo, vestindo grossas túnicas e usando rústicos gorros, ambos com aplicações de motivos bíblicos. (FREIXINHO, 2003, p. 65)

As informações são reduzidas, entretanto chama atenção as poucas características relatadas. A utilização de túnicas, gorros e o porte de rústicas cruces de madeira, assim como afirma o autor, condizem com as definições encontradas em outras mídias como publicações feitas pela *Gazeta da Tarde*. De acordo com a *Gazeta da Tarde* (1896): “Os bandidos vivem tão fanatizados que, mesmo sendo baleados, vinham morrer cortando a facão as praças. Nunca vi tanta ignorância. Traziam imagens e cruces, chamando ao Conselheiro meu bom Jesus.”. Também chama atenção uma caricatura veiculada pelo mesmo periódico, onde, Antônio Conselheiro foi representado com as mesmas descrições. Vejamos:

---

8 O termo “cultura rústica” refere-se ao “universo das culturas tradicionais do homem do campo”, as quais “resultaram do ajustamento do colonizador português ao novo mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contacto com o aborígine”. (SOUSA, 1964).

Figura 1: Antônio Conselheiro. Fonte: Gazeta da Tarde.



Como afere-se através de uma breve análise da caricatura do chefe-mor do Arraial, Antônio Conselheiro está vestido por uma túnica, aparentemente desgastada, utiliza de chinelo, muito provavelmente de couro, típicos da região, munido de um pedaço de madeira que, ao deduzirmos, deve utilizar como apoio, e encontra-se sujo e de barba bagunçada. Embora esta imagem tenha sido veiculada

em um momento onde o conflito ainda não se encontrava em suas etapas mais críticas, inclusive antes do envio da terceira expedição, a representação reproduzida pela mídia confere ao Conselheiro uma atmosfera que, para grande parte dos leitores, poderia causar repulsa e nojo do “chefe dos fanáticos”.

## 4 Considerações Finais

Percebe-se a importância decisiva que o discurso midiático veiculado teve para com a aceção e humor da sociedade brasileira durante a Guerra de Canudos. A maneira como a narrativa foi articulada e ajustada, cirurgicamente, a cada novo evento, deu à Imprensa brasileira a flexibilidade necessária para “criar” um foco de fanatismo que, temendo pela manutenção da *Ordem* e do *Progresso*, advindos com a República em 1889, deveria ser destruído rapidamente. A “dinâmica de publicação” mobilizou manchetes, notícias, telegramas, sensacionalistas ou não, que pudessem atestar a segunda natureza dos “canudenses”.

Por mais que, seguindo a lógica estipulada por autores como Rui Facó, o termo “fanático” pudesse ser utilizado, empiricamente, para se referir a determinados grupos existentes no interior da região Norte do Brasil, estes mais serviram como *bode expiatório* da República que procuravam um único motivo que justificasse o massacre empreendido contra o povo de Belo Monte e seu chefe, Antônio Conselheiro. Destacando ainda que, mesmo “criando” o “fanático canudense”, esse, por falta de maiores detalhes, não teve um perfil sociológico delimitado, corroborando assim para uma simplória produção com o único objetivo de ser um motivo para o ataque.

## Fontes

### Fontes Hemerográficas

GAZETA DA TARDE, 27 nov. 1896, p. 1.

GAZETA DA TARDE, 29 jan. 1897, p. 1.

O PAIZ, 31 jan. 1897, p. 1.

O PAIZ, 04 fev. 1897, p. 1.

O PAIZ, 08 mar. 1897, p. 1.

## Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- BRASIL, Bruno. O PAIZ. **BNDigital**. Disponível em: Acesso em: 20, agosto de 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 2002.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. FREIXINHO, Nilton. **O sertão arcaico do nordeste do Brasil: Uma releitura**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- MENEZES, Eduardo Diatahy de. **Ariano Suassuna e o imaginário popular do sertão**. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 2012, p. 73-88.
- SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional. Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- SANTOS, Arthur Ebert Dantas dos. **Entre Canhões, Cruzes e Palavras: representações da Guerra de Canudos na imprensa do Rio de Janeiro (1896-1897)**. Monografia (Trabalho de conclusão de curso – Licenciatura em História) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2021.
- SOUZA, Antônio Candido de Mello e. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Livraria Duas Cidades/Editora 34, São Paulo, 2001.

## Sobre o autor

**Arthur Ebert Dantas dos Santos** – Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História dos Sertões da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

## Como citar

SANTOS, A. E. D. dos. Esmiuçando o inimigo: a construção midiática dos “Fanáticos Canudenses” durante a Guerra de Canudos (1896-1897). *CENTÚRIAS - Revista Eletrônica de História*, Limoeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/centurias/article/view/10796>. Acesso em: 08 dez. 2023.